

O que muda com a alta definição

A TV e o cinema estão diante de uma revolução tecnológica, com as câmeras de vídeo de alta definição trazendo um novo potencial para as produções. No caminho para o digital, a vantagem de se esperar um futuro barateamento dos custos de produção e obter uma rapidez na análise do material captado passam por algumas mudanças e adaptações no método de trabalho de toda a equipe envolvida na produção, como cenógrafos, maquiadores, fotógrafos, cabeleireiros e engenheiros.

A TV Globo do Rio de Janeiro, por exemplo, adotou várias alterações técnicas e artísticas, envolvendo iluminação, lentes, cenário e filtros, em algumas de suas produções. Celso Araújo, engenheiro da TV Globo/Globo Filmes e membro da Associação Brasileira de Cinematografia e da SET, explica algumas destas mudanças.

Produção em HD

A primeira grande alteração é a relação de aspecto da HDTV, de 16:9, similar à das telas de cinema, enquanto a televisão convencional apresenta uma relação de 4:3. Esta relação é o resultado entre a medida de largura da tela pela medida da altura.

Em termos da dinâmica da imagem, a HDTV permite que a composição e a edição sejam mais “contemplativas”, justamente devido à expansão da imagem para 16:9 (veja comparação abaixo). Aqueles grandes planos gerais

AS MUDANÇAS IMPORTANTES QUE

A HD TRAZ NA DIREÇÃO DE ARTE E

EM OUTROS ASPECTOS DA PRODUÇÃO.

e cortes contínuos para close ou close-up – tradicionais na TV convencional – tornam-se inadequados na HDTV.

Para se obter um enquadramento correto, então, é indispensável a utilização de um monitor de vídeo HD, além dos cuidados com a conformação das duas relações de aspecto. Esse monitor deverá ter várias opções de “áreas de segurança”.

Cuidado com cenários

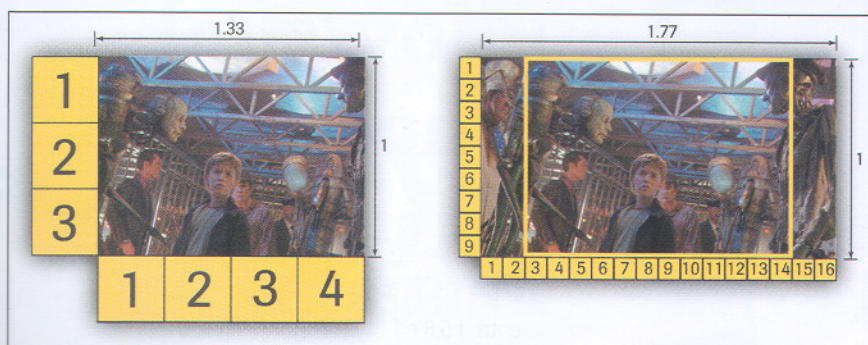
Outra alteração é a maior resolução da HDTV, de 1920 pixels x 1080 linhas ativas, isto é, seis vezes mais informações que a TV convencional. Isso exige cuidados diferenciados nos projetos dos cenários, pois os detalhes passam a ser mais perceptíveis. A falta de um parafuso, por exemplo, foi sentida durante a captação de uma minissérie em high definition na TV Globo.

É bom lembrar que o standard definition não alcança este tipo de detalhe. Detalhes que antes eram “suportáveis” tornam-se aparentes na alta definição, mesmo nos planos intermediários ou de fundo.

Tanto o cuidado com os detalhes mais finos das composições (acabamentos, pinturas e suportes) quanto com a profundidade de campo (a decisão técnico-artística na escolha das lentes) ganham mais importância.

Direção de arte

Do ponto de vista da direção de arte, trabalhar com HDTV tem sido um desafio. Cenário, figurino e maquiagem devem agora ser repensados já que os detalhes serão muito mais visíveis, exigindo um melhor acabamento.



Devido à expansão da imagem para 16:9, a composição e a edição em HDTV podem ser mais “contemplativas”.

alessandrameleiro

telaviva@telaviva.com.br



Quando uma imagem em proporção 16:9 é veiculada em monitor 4:3, as chamadas "letterbox" são usadas para completar a parte não usada da tela.

Nas experiências feitas pela Globo Filmes, tanto a maquiagem quanto o cenário mostraram-se problemáticos, conta Araújo: metade do que foi feito se perdeu. No standard definition, trabalha-se a base da maquiagem em tons mais azulados no exterior e mais amarelados no estúdio. A passagem de um ator de um ambiente externo para o estúdio sem a mudança da base não se faz notar no formato atual, mas o HD "entrega" a tonalidade diferenciada. A base da maquiagem, seja para interior ou exterior, deve ser mais uniforme e sutil.

Quando se aplicam as novas lentes projetadas para HD, principalmente as Prime Lens (veja box), o estilo e a proporção das formas e dos contornos nos rostos precisam ser suavizados.

Esse é um dos grandes desafios: obter essa textura exige encontrar novos limites e dimensões.

Iluminação

No aspecto da iluminação, mais mudanças, conta o engenheiro. No standard definition de 525 ou 625 linhas, trabalha-se com uma latitude de exposição de 4 a 5 stops (pontos do diafragma). Aqui é comum a prática em dramaturgia de dar "um bafo" de luz na cena para registrar as baixas luzes (próximas ao preto ou cinza mais escuro). Caso contrário, obtém-se uma imagem ruidosa e difusa.

No HD, que tem uma maior relação de contraste (range dinâmico), consegue-

se excursionar de 7 a 8 stops. Assim, é possível obter as transições de baixas luzes, ou seja, regiões mais críticas.

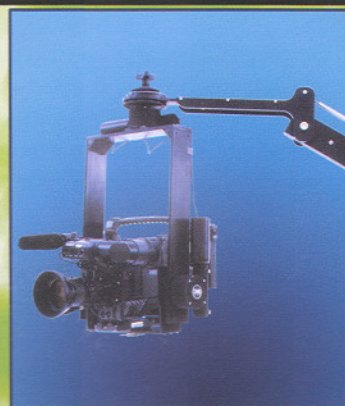
Na minissérie "Os Maias", da Globo, a fotografia trabalhou com exposições de 9 stops. O vídeo standard não registra isso. Essa escolha foi estética, devida à tensão dramática imaginada pelo diretor Luiz Fernando Carvalho. As baixas luzes, próximas ao preto e ao cinza escuro, tiveram um bom registro. As sensações psicofísicas geradas pela profundidade e pelos contrastes simultâneos, já que há agora uma maior "acuidade", enriquecem naturalmente o senso de realidade.

No vídeo SD, trabalha-se com 5 de relação de contraste e tem-se como

Prime Lenses

Quando se usam as Prime Lenses (de campo focal fixo e que possuem uma maior profundidade de modulação e uma menor profundidade de campo), há a necessidade de serem aplicados todos os recursos empregados hoje em cinema, como Matte-Box, Follow-Focus, Motorização da Íris, bem como de um operador de foco - Focus Pulle. O melhor desempenho dessas lentes para cinematografia digital está na região entre T 2,8 e T 5,6 (as lentes das câmeras atuais para SD possuem a sua melhor performance entre f 5,6 e f 8,0).

DMS



Fone/Fax : 11 4702 5326

Fone : 11 4612 4629

www.dmsvideo.com.br

emaildmsvideo@uol.com.br